



## ESTUDOS PRELIMINARES SOBRE CULTURA MATERIAL NO PARANÁ TRADICIONAL (SÉCULOS XVIII-XIX)

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3607

Julia Maria Gonçalves, UEL

Vinícius Augusto Andrade de Assis, UEL

### Resumo

Este trabalho tem o objetivo de compreender alguns aspectos do cotidiano no Paraná Tradicional, especificamente nas vilas de Curitiba e Paranaguá, na perspectiva da cultura material. No final do século XVIII, as vilas do planalto e do litoral paranaense apresentavam uma estrutura econômica alicerçada na mão de obra escrava e organizada em função da produção para a subsistência, porém, com a introdução das atividades portuárias e tropeiras, tais vilas integraram-se à economia colonial da América portuguesa, sendo a década de 1820 o ápice de desenvolvimento econômico em decorrência da exportação da erva-mate, a farinha e a madeira, além da importação de produtos manufaturados de outras regiões do Império do Brasil. Com base em fontes como inventários *post-mortem*, relatos de viajantes e produções iconográficas, levantaremos questões preliminares sobre o cotidiano nessas duas vilas: como moravam, trabalhavam, compunham seus patrimônios, se determinados objetos seriam referenciais de riqueza e outros aspectos que englobam a cultura material. Tendo em vista as noções conceituais e metodológicas de cultura material (propostas por Daniel Miller e Daniel Roche) buscamos analisar os trechos, troços e coisas em simbiose com o contexto social, econômico e cultural das vilas de Curitiba e Paranaguá, na passagem do Setecentos para o Oitocentos, enfatizando a importância dos objetos da vida cotidiana para a formação histórica do Paraná.

### Palavras Chave:

Cultura material; História Regional; História do Paraná.

## Introdução

Dos primórdios da 5ª Comarca de São Paulo à criação da Província do Paraná, em 1853, a região “paranaense” desenvolveu-se como uma economia periférica, campeira, com a convivência do trabalho livre e escravo e baseada na agricultura de subsistência e pecuária, além da produção e exportação da erva mate pelo Porto de Paranaguá a partir de 1820. Entretanto, foi no século XVIII que iniciou-se a articulação econômica das duas principais Vilas da região: Curitiba e Paranaguá. Primeiramente a área da pecuária, caracterizada pela criação e transporte de gado pelas fazendas de invernadas e pelo tropeirismo, que integrou a Vila de Curitiba a economia da América portuguesa. Em segundo plano, prevaleceu a subsistência no litoral e o desenvolvimento do abastecimento interno e atividades portuárias, inserindo-se na dinâmica comercial com os demais portos da Colônia através da navegação de cabotagem (SANTOS, 2001).

Diante de tal contextualização da formação histórica do atual Estado do Paraná, algumas problemáticas podem ser levantadas: 1) Como era a vida cotidiana dos indivíduos que habitavam tais Vilas? (Periféricas se comparadas às cidades coloniais como Rio de Janeiro, Ouro Preto e Salvador), 2) Como compunham seus patrimônios? 3) Suas atividades econômicas possibilitaram o desenvolvimento de quais elementos materiais da cultura? 4) Como moravam? Como se vestiam? Como organizavam seus espaços domésticos? Tais problemáticas nos levam a proposta de um estudo preliminar da cultura material no *Paraná Tradicional*<sup>1</sup>. Iremos nos basear nos inventários *post mortem* de Luiz Rozado e Maria Mello (1729), Manoel Ignácio Fonseca (1785), Senhorinha Maria de Souza (1845) e Ana Maria da Purificação Ribas (1852), nos relatos do naturalista

francês Auguste de Saint Hillaire (1820), além das iconografias das Vilas Curitiba e Paranaguá registradas pelo pintor francês Jean Baptiste Debret (1827).

## Metodologia

Para o desenvolvimento desse trabalho consideramos indispensável à contribuição conceitual de Fernand Braudel. Historiador da segunda geração dos *Annales*, sua obra “Civilização material, economia e capitalismo”, no qual propõe uma história ocidental das economias pré-industriais na longa duração, é definitiva por abordar os aspectos da vida cotidiana enquanto primeira instância da esfera econômica, sucedida pela economia de mercado em comunicação com o capitalismo. Logo, todas as estruturas fundamentais ao ser humano, como a população, a alimentação, o habitat, o vestuário e a moda, o transporte, as moedas de troca, as fontes de energia e as cidades seriam elementos que congregam a “zona espessa, rente ao chão” que Braudel definiu como vida material (BRAUDEL, 1995, v.1, p.12).

A obra de Braudel contribuiu para novas análises relacionadas aos artefatos do cotidiano e as riquezas materiais de grupos específicos na França, como os estudos do historiador Daniel Roche. Inserido no contexto da Nova História Cultural dos *Annales*, este buscou compreender – ao questionar a “clássica” oposição entre infraestrutura e superestrutura – as práticas habituais e o lugar dos objetos no viver cotidiano além das relações de uso e troca que eles criam, seja numa escala econômica ou simbólica. As análises de Daniel Roche acerca da cultura material e do consumo no ocidente moderno servirão de base metodológica em nossa pesquisa, devido sua forma de pensar os objetos a partir de inventários *post-mortem* parisienses. Segundo o mesmo:

<sup>1</sup> Classificação proposta pela historiadora Cecília Maria Westphalen, no qual, compreende os

primórdios da colonização portuguesa no território paranaense à finais do Oitocentos. Ver: SANTOS, 2001, p. 09.

Os objetos, as relações físicas ou humanas que eles criam não podem se reduzir a uma simples materialidade, nem simples instrumentos de comunicação ou de distinção social. Eles não pertencem apenas ao porão e ao sótão, ou então simultaneamente aos dois, e devemos recoloca-los em redes de abstração e sensibilidade essenciais à compreensão dos fatos sociais. Sem dúvida, na história a vida material estabelece “os limites do possível e do impossível”, como desejava Braudel, mas ela o faz na imbricação de contextos sociais de informações e de comunicações que organizam a significação das coisas e dos bens, e não na sucessão e na separação nítida de temporalidades propícias a comportamentos típicos (ROCHE, 2000, p. 13).

Devemos também considerar as atuais contribuições de outros historiadores que se adentraram aos estudos da cultura material, através dos inventários *post mortem*, e buscaram compreender seus variados aspectos como produtos do tempo e do espaço que estão inseridos. Destacamos aqui os estudos de Cláudia Eliane Parreiras Marques Martinez (2014) sobre as transformações da riqueza e dos objetos do cotidiano, antes e depois da escravidão, no Vale do Paraopeba/MG; Leila Mezan Algranti (2017) sobre a importância do universo material para o funcionamento, representação e celebração da Casa Real portuguesa no Rio de Janeiro Joanino; Maria Aparecida Meneses Borrego (2016) referente à materialidade presente nas práticas sociais em torno das refeições no espaço doméstico em São Paulo colonial; além de José Newton Coelho Meneses (2015) que buscou analisar as fazendas mineiras, entre os séculos XVIII e XIX, como lugares de abastecimento alimentar, sociabilidades e da intimidade familiar.

Ainda pensando nas relações entre materialidade e sociabilidade, nos apropriaremos também dos estudos antropológicos de Daniel Miller (2013),

uma vez que este nos apresenta contribuições conceituais importantes para a pesquisa dos objetos em perspectiva histórica. Segundo Miller, a melhor maneira de entender, transmitir e apreciar a humanidade é dar atenção à nossa materialidade fundamental – na qual ele define não apenas como cultura material, mas simplesmente como trechos, troços e coisas –, seja em sociedades industriais ou tribais. Sendo assim:

[...] Trechos tem uma capacidade notável de se desvanecer diante dos nossos olhos, tornam-se naturalizados, aceitos como pontos pacíficos, cenário ou moldura de nossos comportamentos. As coisas atuam muito mais comumente em analogia às molduras em torno das pinturas de que como as pinturas elas mesmas. Elas nos guiam até o modo apropriado de se comportar e permanecer incontestes, pois não temos a menor ideia de que somos conduzidos. [...] (MILLER, 2013, p.228).

Para o referido autor os objetos do cotidiano não apenas representam os seres humanos, mas nos constituem. Finalizando o aparato metodológico desta pesquisa, concordamos com Cláudia Martinez quanto o ofício do historiador da cultura material:

[...] o historiador voltado para a temática da cultura material deve estudar o objeto em simbiose com a sociedade e a cultura que o criou, com o mercado que o distribuiu e a economia que permitiu sua existência funcional. Enfim, os artefatos devem ser arguidos, no tempo e no espaço, como criação (necessária ou supérflua) nos grupos sociais nos quais homens e mulheres de diferentes etnias estão inseridos (MARTINEZ, 2014, p. 38).

### **Curitiba e Paranaguá: duas vilas, duas materialidades**

A partir do século XVIII Vila de Curitiba foi marcada por um período de

desenvolvimento econômico. A descoberta das minas de ouro na região central da América portuguesa, sobretudo na região de Minas Gerais, destinou grande atenção e investimento das autoridades oficiais, tornando-se a principal atividade econômica no momento e substituindo a economia do açúcar. Esse efervescer econômico possibilitou a integração da Vila no conjunto econômico da América portuguesa no decorrer do século XVIII, devido à pecuária. Essa integração pode ser compreendida pelas seguintes circunstâncias: *a região das minas situava-se numa distância inconveniente do Rio de Janeiro, não havia gado, não havia meios de transporte.* (NADALIN, 2001).

Nesse sentido, para atender as exigências necessárias às áreas de mineração, a região Sul, no qual há a participação efetiva da Vila de Curitiba, fornecia aos mineiros o que eram indispensáveis a estes: os animais para transporte e a alimentação. A economia mineira, através de seus efeitos indiretos, permitiu que articulassem as diferentes regiões do sul do país<sup>2</sup>.

No inventário do casal Luiz Rozado e Maria Mello, podemos vislumbrar a comunhão de suas vidas com a criação de gado. O casal possuía considerável número de animais e ferramentas de trabalho ligadas a pecuária: “Nove vacas com crias desse ano”; “Dezesseis vacas soltas cada uma”, “Vinte e uma cabeças de ovelha”, “Uma marca de ferrar gado”, “Um carro velho” e “Um par de esporas velhas”. Esses são apenas alguns dos animais e utensílios profissionais que compunham o patrimônio dos inventariados. Já referente a artefatos do meio doméstico, a mobília do casal se limitava a poucos objetos presentes em sua “casinha de palha velha”: “Um baú velho sem alça com uma rachadura no fundo, com sua fechadura”

e “Outra caixinha de dois palmos e meio sem fechadura<sup>3</sup>”. Outro inventário que aqui elencamos é o de Manoel Ignácio Fonseca, onde também visualizamos poucos artefatos ligados ao cotidiano e a vida doméstica, a materialidade da sua vida se dava em “hum catre” e “hua caixa de quatro palmos de comprido<sup>4</sup>”.

O naturalista francês Auguste Saint Hillaire passou pela Vila de Curitiba e, sendo que em seus relatos fica nítido que, até a década de 1820 a região encontrava-se em tal conjuntura:

É reduzidíssimo em Curitiba e seus arredores o número de pessoas abastadas. Estive nas principais casas da cidade e posso dizer que, nas outras sedes de comarcas e até de termos, não encontrei nenhuma pertencente a homens respeitáveis, que fosse, como aquelas, tão despida de adornos. As paredes eram simplesmente caiadas e o mobiliário das salas em que me recebiam constava apenas de uma mesa e alguns bancos. (SAINT HILAIRE, 1964, p. 108).

Este ainda afirma que a dimensão da Vila era mais ou menos circular, por volta de duzentas casas cobertas de palha e em sua maioria térreas, sendo muito pequeno o número de pessoas abastadas. Ao adentrar-se no interior de algumas casas curitibanas o viajante francês espantou-se pela simplicidade das residências de algumas “pessoas importantes”, relatando que suas paredes eram caiadas e “mobiliário das pequenas salas onde eram recebidas as visitas se compunha apenas de uma mesa e alguns bancos”.

Conforme podemos notar no registro iconográfico do pintor francês Jean Baptiste Debret, em consonância com o relato de Saint Hillaire e os bens quantificados e qualificados nos dois inventários, encontramos um aglomerado

<sup>2</sup> FURTADO, 1967, p. 83.

<sup>3</sup> Arquivo Público do Estado do Paraná, 1729.

<sup>4</sup> Arquivo Público do Estado do Paraná, 1785.

de casas térreas elementares numa região predominantemente campestre. Enfim um lugar de passagem de tropas, uma Vila pacata, comparada a outros centros urbanos da Colônia e com pouca movimentação social, a não ser pelo escravo negro à margem esquerda.

Figura1: Vila de Curitiba retratada por Jean Baptiste Debret, 1827.



Embora o cotidiano da Vila apresentasse algumas características elementares, demonstradas por Saint Hilaire e Debret, outros artefatos presentes no inventário do casal Luiz Rozado e Maria Mello demonstram certa diversificação no tocante à indumentária: “Um manto de tafetá em bom uso”; “Um capote de duas baetas em bom uso”; “Uma vestia de serafina azul já usada”; “Um par de sapatos de veado em bom uso”. Esses são algumas das vestimentas que os inventariados possuíam. A matéria prima desses artefatos, tal como o tafetá e a baeta, eram tecidos sofisticados, com significativo valor econômico. Com exceção a vestia de serafina, que já estava usada, os outros artefatos apresentavam “bom uso”. Poderiam ser roupas novas. Mesmo o habitat do casal sendo simples, com pouco mobiliário e artefatos domésticos, poderia haver uma preocupação em vestir-se bem. É possível inferir que a posse desses itens foi possível através do contato com outros centros econômicos da América portuguesa. A atividade econômica ligada à pecuária, exercida por Luiza Rozado e Maria Mello, possibilitou o acesso a determinadas mercadorias, como as referidas vestimentas.

Tendo desenvolvido as atividades agrárias e portuárias no decorrer dos séculos XVIII e XIX, a vila de Paranaguá apresentava uma economia de certa relevância em comparação a outras localidades da Capitania de São Paulo e inseria-se na dinâmica de abastecimento interno da região. Foi nessa virada de século que se estabeleceu na mesma uma sociedade segmentada, com relevante concentração de riqueza e tendo a posse de escravos como principal demanda nesse processo de hierarquização, sendo a década de 1820 um marco do desenvolvimento do comércio marítimo em decorrência da exportação da erva-mate e importação de produtos manufaturados do Rio de Janeiro e demais portos da colônia. Os relatos de Saint Hilaire descrevem a vila de Paranaguá nesse período como o principal centro comercial da região, com casas de morada e prédios públicos feitos de pedra e bem cuidados, uma relevante população escrava e mulata, inúmeras lojas abastecidas e grande movimentação no porto<sup>5</sup>.

O aumento na exportação de produtos como madeira, farinha de mandioca e erva mate contribuiu para o desenvolvimento da região, resultando da elevação de Paranaguá de vila à cidade em 1842. Ainda é preciso considerar que, após 1840, tal região se inseriu na conjuntura de emancipação política à Província de São Paulo, resultando na criação da Província do Paraná em 1853 e um processo industrialização e modernização, ainda que numa localidade agrária e escravocrata que se estenderia até finais do século XIX (SANTOS, 2001). Podemos assim considerar Paranaguá como uma região mercantil, de economia exportadora e escravocrata.

O trato e a movimentação portuária na vila de Paranaguá permitiu uma intensificação maior na produção e no consumo de objetos (até mais

<sup>5</sup> SAINT HILAIRE, 1964, p.156-157.

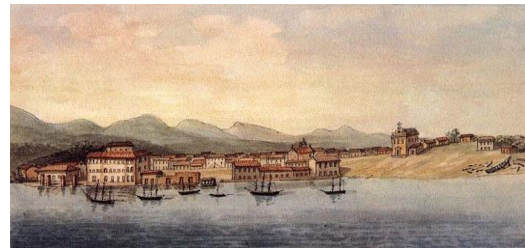
sofisticados), se comparada à vila de Curitiba. No inventário de Senhorinha Maria de Souza e Domingos Afonso Coelho<sup>6</sup> encontram-se “huma morada de casa de sobrado com paredes de pedra e cal em roda com três portas de frente que se achão edificadas na rua da Ordem” juntamente com a mobília pertencente à residência: “hum sofá feito de madeira de jacaranda e palhinha”, “dois aparadores de jacarandá”, “um aparador antigo feito de jacarandá”, “dose cadeiras de palhinha”, “dois pares de mangas de Vidro”, “dous pares de casticaes de casquinha”, “hum Espelho de Salla”, “uhum toucador com espelho”, “huma Comoda de madeira de arasiba”, “huma marquesa de arasiba”, “hum armario grande de madeira de Sedro” e “huma mesa para jantar”, além de pratarias como “dose colheres de prata”, “hum roزاری de contas e crus de ouro” e “quatro memorias de pedra”. Porém destacamos aqui os bens rurais presentes no mesmo inventário, que possui:

huma fazenda no lugar determinado Serraria no valadouro do segundo Districto desta Cidade com huma maquina de serrar madeira edificada sobre pilares ate o pavimento tendo maquina de ferro e bronse podendo adimitir de huma ademais serras movida por água; hum guindaste para fazer conduzir as madeiras ao lugar da serra, tudo coberto de palha huma casa de vivenda com noventa palmos de frente serraria com os utensílios precisos tudo coberto de telha, huma rampa para condução de madeiras, canoas rede de pescar mobília da casa e gado vacum (MUSEU DA JUSTIÇA, Inventário de Senhorinha Maria de Souza, 1845).

Uma sofisticação maior ainda é encontrada no inventário de Ana Maria da Purificação Ribas e Manoel Leocádio d’Oliveira<sup>7</sup>. Esses provavelmente viveram no andar de cima do “armasem de

deposito cito no lugar denominado Estaleiro” e seu mobiliário demonstra a opulência de uma localidade comercial e portuária, como “Hum ropeiro de cedro”, “Hum espelho grande de sala”, “Quatro vasos com flores e suas redomas”, “Hum relógio de parede com caixa de madeira”, “Hum par de Salivadeiras de metal”, “Hum relógio de ouro patente Inglez”, “Hum par de casticaes de prata”, “Hum paliteiro”, “Hum Bulle huma leitera huma crystaleira, hum assucareiro, huma mantegueira, huma tigella tudo de prata”. O casal ainda possuía o “Hiate denominado Inocente”, “A quarta parte do Bergantin Cascudo, em viagem” e um “terreno com paredes com nove partes citas na rua do Collegeo”, a provável senzala de seus 25 escravos.

Figura 2: Vila de Paranaguá retratada por Jean Baptiste Debret, 1827.



A iconografia acima retrata Paranaguá como uma localidade mais urbanizada e movimentada que Curitiba no mesmo período, com embarcações de pequeno e médio porte, alguns cais perto do antigo colégio dos Jesuítas (o prédio de três pavimentos à esquerda), um equilíbrio entre casas térreas e de sobrados e a casa de câmara logo ao centro. Tal imagem, juntamente com bens arrolados nos dois inventários e no relato de Saint Hilaire, demonstram a materialidade e o desenvolvimento econômico da região.

### **Considerações finais**

Este trabalho esboçou (alguns) aspectos preliminares sobre a materialidade no Paraná Tradicional, especificamente nas vilas de Curitiba e

<sup>6</sup> Museu do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná, 1845.

<sup>7</sup> Museu do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná, 1852.



Paranaguá entre os séculos XVIII e XIX, baseado numa pluralidade de fontes – inventários, relatos memorialísticos e iconográficos. Enquanto o planalto curitibano caracterizou-se como rota dos tropeiros, pela criação de gado e agricultura de subsistência, Paranaguá ficou marcada pelas atividades comerciais e portuárias, permitindo seu desenvolvimento urbano e apego à mão de obra escrava.

No decorrer do texto fica nítida a presença de elementos materiais da cultura em confluência com a economia e sociedade das duas localidades. Mais do que tratar os objetos em perspectiva semiótica (tratando-os enquanto instrumentos de representação social), buscamos entendê-los como produtos e condições constituintes da ação humana em determinados tempos históricos.

Em suma, a marca de ferrar gado, o carro e as esporas velhas, o capote de duas baetas em bom uso, o catre e a caixa de quatro palmos arrolados nos inventários curitibanos, assim como a serraria com utensílios precisos, a rampa para condução de madeiras as canoas e redes de pescar, o roupeiro de cedro, os castiçais de prata, os relógios de parede e as cadeiras de jacarandá e palhinha dos inventários parnanguaras devem ser vistos como fatos sociais da presença e atividades humanas, testemunhas da formação histórica não apenas do estado do Paraná, mas do Brasil.

## Referências

### Fontes

- ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ.  
**Inventário de Luiz Rozaldo e Maria de Mello** (1729).
- ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ.  
**Inventário de Manoel Ignácio Fonseca** (1785).
- DEBRET, Jean Baptiste; **1827**. Disponível em: < <https://docs.ufpr.br/~coorhis/kimvasco/debret.html> > Acesso em: 21/09/2017.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem a**

**Curitiba e Santa Catarina** (1820). Belo Horizonte; São Paulo: Ed. Itatiaia, Edusp. 1978.

MUSEU DA JUSTIÇA; TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO PARANÁ. **Inventário de Ana Maria da Purificação Ribas e Manoel Leocádio d'Oliveira** (1852).

MUSEU DA JUSTIÇA; TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO PARANÁ. **Inventário de Senhorinha Maria de Souza e Domingos Afonso Coelho** (1845).

## Bibliografia

ALGRANTI, Leila Mezan. Em torno da mesa do rei: artefatos, convivialidade e celebração no Rio de Janeiro joanino. In: **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v.25, n.1, 2017, p. 13-34.

BORREGO, Maria Aparecida de Menezes. Artefatos e práticas sociais em torno das refeições (São Paulo, séculos XVIII-XIX). In: **Varia Historia**, Belo Horizonte, v.32, n.58, 2016, p. 101-137.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII**. (As estruturas do cotidiano: o possível e o impossível). São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil** São Paulo: Ed. Nacional, 1967.

MARTINEZ, Cláudia Eliane Parreiras Marques. **Cinzas do passado: cultura material, riqueza e escravidão no Vale do Paraopeba/MG** (1831-1914). Londrina: EDUEL, 2014.

MENESES, José Newton Coelho de. Pátio cercado por árvores de espinho e outras frutas, sem ordem e sem simetria: o quintal em vilas e arraiais de Minas Gerais (séculos XVIII e XIX). In: **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v.23, n.2, 2015, p. 69-92.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

NADALIN, Sérgio Odilon. **Paraná: ocupação do território, população e migrações**. (Coleção história do Paraná; textos introdutórios). Curitiba: Secretaria de Estado da Educação, 2001.

ROCHE, Daniel. **História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. **Vida material e econômica**. (Coleção história do Paraná; textos introdutórios). Curitiba: Secretaria de Estado da Educação, 2001